

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MARCELA TIBÃES ROCHA
MARCOS RANGEL MARTINS DE AGUIAR
THAINÁ DE ALMEIDA SILVA**

**ESPORTE DE AVENTURA E SUAS TERMINOLOGIAS:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA
(2012-2016)**

**VOLTA REDONDA
2018**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ESPORTE DE AVENTURA E SUAS TERMINOLOGIAS:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO CONGRESSO
BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA
(2012-2016)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Educação Física do Uni-FOA como requisito à obtenção do título de Bacharelado em Educação Física.

Alunos: Marcela Tibães Rocha
Marcos Rangel Martins de Aguiar
Thainá de Almeida Silva

Orientador: Prof. Me. Cassio Martins

**VOLTA REDONDA
2018**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Marcela Tibães Rocha
Marcos Rangel Martins de Aguiar
Thainá de Almeida Silva

Esporte de Aventura e Suas Terminologias: Uma Revisão Sistemática do Congresso
Brasileiro de Atividades de Aventura (2012-2016)

Orientador: Prof. Me. CASSIO MARTINS

Banca Examinadora:

Orientador Prof. Me. Cassio Martins

Prof. Me. Carlos Marcelo de Oliveira Klein

Dr. Marcelo Paraiso Alves

VOLTA REDONDA

2018

RESUMO

O Esporte de Aventura estabelece uma experiência subjetiva da busca de emoções frente ao inusitado, elas estão ligadas a sensações de risco e vertigem, exacerbações controladas das emoções e, em muitos casos, conciliação com a natureza e com outras dimensões sensíveis. A literatura nos apresenta diferentes propostas de delimitação do objeto de estudo. Diante do não estabelecimento de um acordo terminológico de se tratar de um objeto novo, a imprecisão seria algo academicamente prejudicial e sua resolução merece ser tratada como relevante diante de tal problemática “terminológica”. O referido estudo tem como objetivo analisar o conceito Esporte de Aventura presente na literatura. Para elaboração de nossa pesquisa optamos por realizar uma revisão de literatura, buscamos as publicações realizadas nos últimos sete anos, em anais do Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura (CBAA), publicados nos anos de 2012, 2014 e 2016 cabendo salientar que o evento de 2018 ainda não foi realizado. Como critério de inclusão, instituímos trabalhos publicados na modalidade de pôster e apresentação oral que faziam referência ao Esporte de Aventura e seus desdobramentos, dentre essas configurações decidimos apresentar algumas destas abordagens conforme disposto a seguir: Turismo de Aventura (Uvinha, 2005), Atividade de Aventura na Natureza (MARINHO; BRUHNS, 2003), Atividade Física na Natureza (AFAN) (BETRÁN, 2003), Atividade de Aventura (PIMENTEL, 2013), Esportes Radicais e Esportes de Aventura (Pereira; Armbrust, 2010), instituído em qualquer espaço fora do ambiente escolar e que não apresentavam alguma nomenclatura evidenciada por nós em nosso estudo. Inicialmente selecionamos os trabalhos que atendiam nossos critérios de inclusão e posteriormente apresentaremos os resultados de forma descritiva. Na totalidade de 221 (duzentos e vinte e um) trabalhos, descartamos um total de 161 trabalhos (cento e sessenta e um) trabalhos, analisando 60 (sessenta), aos quais englobam as 6 (seis) terminologias propostas. Percebemos incoerências por parte de alguns autores quanto a utilização das terminologias. Apesar de nos apropriarmos da terminologia sugerida por Pereira e Armbrust (2010) Esporte de Aventura, concordamos com o questionamento de PIMENTEL (2013): os termos Esporte na Natureza e Esporte de Aventura não abrangem todas as práticas significativas, excluindo atividades não esportivas e aquelas que ocorrem em áreas urbanas. A terminologia Esporte de Aventura não consegue englobar todas as práticas corporais, algumas fogem de elementos que caracterizam a prática esportiva. Sugerimos então Atividades e Esporte de Aventura como terminologia, pois o termo consegue suprir o maior número de práticas corporais. Destacando, que essas práticas corporais ao estabelecerem uma relação entre oferta e demanda, contemplam assim a ideia de que o termo mais adequado seria Turismo de Aventura.

Palavras-chave: Esporte de Aventura. Terminologias. Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura.

ABSTRACT

The Adventure Sport establishes a subjective experience of the search for emotions against the unusual, they are linked to sensations of risk and vertigo, controlled exacerbations of emotions and, in many cases, conciliation with nature and other sensitive dimensions. The literature presents different proposals for delimitation of the object of study. Faced with not establishing a terminological agreement to be a new object, imprecision would be something academically harmful and its resolution deserves to be treated as relevant in the face of such. This study aims to analyze the concept of Adventure Sport present in the literature. In order to elaborate our research, we have chosen to carry out a review of the literature, we have searched the publications carried out in the last seven years, in annals of the Brazilian Congress of Adventure Activity (CBAA), published in the years of 2012, 2014 and 2016. 2018 has not yet been completed. As an inclusion criterion, we instituted published works in poster format and oral presentation that referred to the Adventure Sport and its unfolding, among these configurations we decided to present some of these approaches as follows: Adventure Tourism (Uvinha, 2005), Activity of (MARINHO, BRUHNS, 2003), Physical Activity in Nature (AFAN) (BETRÁN, 2003), Adventure Activity (PIMENTEL, 2013), Extreme Sports and Adventure Sports (Pereira, Armbrust, 2010), established in any space out of the school environment and that did not present some nomenclature evidenced by us in our study. Initially, we selected the papers that met our inclusion criteria and then presented the results in a descriptive way. In the total of 221 (two hundred and twenty one) works, we discarded a total of 161 works (one hundred and fifty one), analyzing 60 (sixty), to which they include the 6 (six) terminologies proposed. We perceive some authors' incoherence regarding the use of terminologies. Although we appropriate the terminology suggested by PEREIRA and ARMBRUST (2010) Adventure Sport, we agree to the questioning of PIMENTEL (2013): the terms Sport in Nature and Adventure Sport do not cover all significant practices, excluding non-sport activities and those which occur in urban areas. The terminology Sport of Adventure can not encompass all the corporal practices, some run away of elements that characterize the sport practice. We suggest Adventure Activities and Sport as terminology, since the term manages to supply the greatest number of corporal practices. Emphasizing that these corporal practices in establishing a relationship between supply and demand, contemplate the idea that the most appropriate term would be Adventure Tourism.

Keywords: Adventure Sport. Terminologies. Brazilian Congress of Adventure Activities.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	ESPORTE DE AVENTURA ESUAS TERMINOLOGIAS	8
3	METODOLOGIA.....	11
4	APRESENTAÇÃO DOS DADOS	12
4.1	Turismo de Aventura	13
4.2	Atividade de aventura na natureza.....	16
4.3	Atividade Física na Natureza	20
4.4	Esportes Radicais.....	21
4.5	Atividades de Aventura.....	23
4.6	Esporte de Aventura	31
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O Esporte de Aventura estabelece uma experiência subjetiva da busca de emoções frente ao inusitado, decerto seja uma manente antropológica, é na contemporaneidade que se experimenta e se torna diverso as práticas esportivas de aventura na perspectiva do lazer. Em tese, elas estão ligadas a sensações de risco e vertigem, exacerbações controladas das emoções e, em muitos casos, conciliação com a natureza e com outras dimensões sensíveis, cuja busca de revalorização aponta para um diferencial dessas práticas em relação aos esportes convencionais (BRUHNS, 2003; SCHWARTZ, 2006; MARINHO, 2008; DE ASSIS PIMENTEL, 2013).

A literatura nos apresenta diferentes propostas de delimitação do objeto de estudo como: **Turismo de Aventura** (UVINHA, 2005), **Atividades de Aventura na Natureza** (MARINHO; BRUHNS, 2003), **Atividade Física na Natureza (AFAN)** (BE-TRÁN, 2003), **Atividades de Aventura** (PIMENTEL, 2013), **Esportes Radicais e Esporte de Aventura** (PEREIRA; ARMBRUST, 2010) entre outras propostas. Tais características que são apresentadas pelos termos nem sempre coincidem, mas é bastante recorrente a denominação esporte, seguida por algum adjetivo como vertigem, risco calculado ou aventura.

Diante do não estabelecimento de um acordo terminológico, De Assis Pimentel (2013), relata que há uma tendência em considerar que o debate não evoluiu o suficiente para possuir consensos sobre a delimitação do objeto, o autor evidencia que, esse 'consenso da falta de consenso' e especialmente a minimização dos supostos danos dessa indefinição às pesquisas na área poderiam resolver a questão terminológica. (DE ASSIS PIMENTEL, 2013) nos relata que afinal, além de se tratar de um objeto novo, ele não experimentou a estabilidade – havendo a manifestação de novas experiências, muitas das quais são não usuais (como a espeleologia urbana), podendo chegar ao caráter desviante. Logo, a preocupação conceitual talvez seja uma precipitação quando o próprio objeto está parcialmente visível.

Porém, para outros, é quando o fenômeno está borrado que a definição acadêmica se faz mais necessária, pois faz emergir o objeto de onde antes só se viam manifestações isoladas. Segundo Dias (2007, p.2) a ausência de preocupações

dessa ordem permite que sob a ideia de lazer esportivo na natureza proliferem muitos conceitos. Cada um deles descreve um campo muito amplo e variado de expressão desse fenômeno cultural.

Enfim, a imprecisão seria algo academicamente prejudicial e sua resolução merece ser tratada como relevante. Diante de tal problemática terminológica, nosso estudo teve como objetivo analisar o conceito Esportes de Aventura.

2 ESPORTE DE AVENTURA E SUAS TERMINOLOGIAS

Antes de avançar em nossa temática, apresentamos a seguir que na literatura atual existem várias terminologias para se referir a esta prática corporal (Esporte de Aventura), à aventura e aos seus desdobramentos. Diante desta configuração, decidimos apresentar algumas destas abordagens conforme disposto a seguir: Turismo de Aventura, Atividades de Aventura na Natureza, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, Atividades de Aventura, Esporte de Aventura, dentre outros (MARINHO; BRUHNS, 2003; BETRÁN, 2003; UVINHA, 2005; BETRÁN, 2006; ALMEIDA, GÁSPARI 2014; PIMENTEL, 2013).

Assim, para Uvinha (2005), o termo **Turismo de Aventura** se estabelece a partir de uma relação entre oferta e demanda. Essa atividade é realizada por um público com motivações peculiares, viabilizada por uma infraestrutura e recursos humanos especializados em implementar uma experiência desafiadora, seja na perspectiva do excursionismo ou do turismo.

Outra abordagem utilizada por pesquisadores surge da terminologia **Atividades de Aventura na Natureza** (MARINHO; BRUHNS, 2003). Para as autoras, estas atividades ocorrem por meio de diversas práticas corporais manifestadas, privilegiadamente, nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais. As autoras mencionam que as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, citam que há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos que permitem uma fluidez entre o praticante e o espaço destinado a essas práticas.

Dessa forma, são atividades cercadas por riscos e perigos, na medida do possível sempre calculando os riscos. O risco calculado é a possibilidade de algo ocorrer em uma situação perigosa, diferente da definição de “perigo”, que é uma situação de ameaça à existência de uma pessoa ou coisa, ou uma fonte potencial de dano (PEREIRA; ARMBRUST, 2010). No entanto, treinamentos intensivos prévios (como no caso dos esportes tradicionais e de práticas corporais, como a ginástica e a musculação) não são uma prática comum.

Já a **Atividade Física na Natureza** (AFAN) é um termo que veio da Espanha (BETRÁN, 2003). O autor relata que os estudos possibilitaram verificar que, em grande proporção, a denominação vincula-se ao desejo pela natureza e ao movi-

mento denominado pós-modernidade, o qual propicia uma articulação a uma sociedade pós-industrial, pautada no consumo e nos serviços.

Betrán (2003) ainda ressalta que a escolha da terminologia AFAN se deve pela tentativa de ruptura com o período que precede a pós-modernidade, denominado pelo conceito “modernidade”, bem como o seu equivalente sociocultural, a industrialização e, por fim, o esporte como seu principal interlocutor.

Entretanto os **Esportes Radicais**, termo utilizado por Pereira e Armbrust (2010), referem-se a uma classificação geral de práticas corporais que se subdividem em duas vertentes: o Esporte de Aventura e o Esporte de Ação. Cabe salientar que, neste estudo, utilizaremos o conceito de Esporte de Aventura.

Almeida e Gáspari (2014) nos trazem a ideia de Pereira et al. (2014) para que possamos entender a origem de tal definição. O autor parte primeiramente da definição de esporte estabelecida pela UNESCO-ONU (2013), e, baseado também em Tubino (2010), concebe o esporte como um fenômeno que se apresenta a partir de três vertentes: o rendimento (competição), a participação (âmbito do lazer, condicionamento físico voluntário ou saúde) e a educação (formação do sujeito).

Pereira e Ambrust (2010) mencionam que os Esportes de Ação se dividem em aquáticos como *Surfe, Windsurf, Kitesurf*, aéreos como *Base jump, Skysurf*, terrestres, como *Bangeejump, Sandboarding*, misto, como *Kitesurf* e urbanos, como *Escalada indoor, Skate, Patins, Roller, Bike Trial e bmx*.

Assim, os Esportes de Aventura estão divididos em aquáticos (Mergulho livre e autônomo, Canoagem, *Rafting, Caiaque, Aquaride, Canyoning*), aéreos (Paraquedismo, Balonismo e Voo Livre) e terrestres (Montanhismo, escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo, *Mountainbike – Down Hill, Cross Country, Trekking*, misto a corrida de aventura e urbano oParkour).

Pimentel (2013) defende a terminologia **Atividades de Aventura**, destacando a ideia discutida no trabalho de Dias (2007) onde o autor apresenta a uma discussão sobre os Esportes na Natureza como sendo uma definição objetiva e adequada para manifestações como Corrida de Aventura, Montanhismo e Surf; subjetiva e adequada para manifestações como Arvorismo, Acampamento, Trilha Ecológica; e objetiva e inadequada para manifestações como Parkour, Skate e BaseJump.

Dias (2007), explica que é subjetivo porque depende de o autor tê-las como esporte enquanto não são – no sentido restrito– tomadas como tal, embora o termo seja adequado em relação a ocorrerem na natureza (ou a ela se remeterem).

O autor reitera, portanto, que é aceitável que essa proposta seja eficaz para cobrir certa superfície e que seria o caos exigir abranger todas as manifestações implicadas.

Pimentel (2013), ao defender tal terminologia buscou resguardar a reconhecida e problemática generalidade de experiências que podem estar ocorrendo no ambiente natural (turismo, educação ambiental, esportes, rituais indígenas entre outros).

Considerando as reflexões estabelecidas neste estudo optamos por Pereira e Ambrust (2010), **o Esporte de Aventura**. Cabendo elucidar que o Esporte de Aventura ainda é entendido como uma prática corporal relacionada ao meio ambiente e desenvolvida sob as condições de risco calculado (BRASIL, 2007).

3 METODOLOGIA

Para elaboração de nossa pesquisa optamos por realizar uma revisão sistemática, com base na literatura. A opção pela revisão bibliográfica descritiva se deu por fornecer aos profissionais de qualquer área, informação sobre o desenvolvimento corrente da ciência e sua literatura (MENEZES COSTA, 2000; GOLDENBERG, 2009; TOZONI REIS, 2009) para os autores este tipo de estudo permite descrever características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada.

No caso específico do referido trabalho, buscamos extrair e analisar os dados dos estudos publicados, as terminologias que vem sendo utilizada para se fazer referência aos Esportes de Aventura, nos anais do (CBAA).

Para isso, buscamos as publicações realizadas nos últimos sete anos em anais publicados nos anos de 2012, 2014 e 2016 cabendo salientar que o evento de 2018 ainda não foi realizado.

A escolha por tal evento decorre da inserção deste espaço científico no campo do Esporte de Aventura e a Educação Física. Como critério de inclusão, instituímos trabalhos publicados na modalidade de pôster e apresentação oral que faziam referência ao Esporte de Aventura instituídos fora do ambiente escolar e apresentavam alguma nomenclatura evidenciada por nós em nosso estudo como: **Turismo de Aventura, Atividade de Aventura na Natureza, Atividade Física na Natureza, Esporte Radical, Atividades de Aventura e o Esporte de Aventura.**

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Na intenção de propiciar a compreensão da apresentação dos resultados, optamos por explicitar o caminho percorrido para a produção dos dados da pesquisa.

Cabe reiterar que a busca foi realizada nos Anais do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) e como critério de inclusão, instituímos trabalhos publicados na modalidade de pôster e apresentação oral que faziam referência ao Esporte de Aventura instituído em qualquer espaço fora do ambiente escolar e apresentavam alguma nomenclatura evidenciada por nós em nosso estudo como o **Turismo de Aventura, Atividade de Aventura na Natureza, Atividade Física na Natureza, Esporte Radical, Atividades de Aventura e o Esporte de Aventura.**

Inicialmente, optamos em apresentar os dados quantitativos como apresentado na Tabela 1, para posteriormente apresentarmos os resultados de forma descritiva na intenção de explicitar as especificidades encontradas na investigação.

Tabela 1 – Dados Quantitativos

Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura- CBAA			
	2012	2014	2016
Pôsteres	66	47	27
Apresentações Oraís	30	15	36
Total	96	62	63
Total publicados 221			
Contexto escolar	24	27	16
Sem terminologias	27	08	14
Outras terminologias	12	17	16
Descartados	63	52	46
Total descartados 161			
Analisados	33	10	17
Total analisados 60			

Fonte: dos autores.

Como apresentado acima encontramos uma totalidade de 221 (duzentos e vinte e um) trabalhos publicados nos anais do CBAA de 2012, 2014 e 2016 contemplados nas modalidades de pôsteres a apresentações orais, sendo descartados o

número total de 161 trabalhos (cento e sessenta e um) por contemplarem o contexto escolar ou não se apropriar de alguma terminologia ou utilizar alguma não apresentada em nosso estudo.

Na intenção de apresentar os dados apreendidos nos artigos, bem como suas especificidades, optamos por apresentá-los a partir de seis temáticas que foram estabelecidas pelas nomenclaturas evidenciadas em nossa pesquisa.

Consideramos importante frisar a limitação deste estudo quanto ao aprofundamento dos dados analisados, pois grande parte do material emerge de resumos, portanto o material apresentava poucas informações sobre as pesquisas desenvolvidas, sendo que muitos estudos estavam em desenvolvimento.

4.1 Turismo de Aventura

Foram analisados 07 (sete) trabalhos na íntegra, pois estabeleciam uma relação entre oferta e demanda contemplando assim a ideia o Turismo de Aventura (UVINHA 2005). Sendo atividades realizadas por um público com motivações peculiares, viabilizada por uma infraestrutura e recursos humanos especializados em implementar uma experiência desafiadora, seja na perspectiva do excursionismo ou do turismo (UVINHA, 2005).

Com trabalho intitulado **Turismo De Aventura Na Cidade De Itacaré – Ba: Profissionais E Suas Formações**, realizado por Carolino e Silva (2014) propuseram uma investigação afim de descobrir quais os profissionais e quais as empresas da cidade contemplavam as práticas de Turismo de Aventura por meio de uma análise descritiva, exploratória. Os autores observaram que a demanda pelas Atividades de Aventura vem aumentando na região, e as empresas vem buscando por diferenciais no mercado.

Como resultado de sua pesquisa os autores verificaram que o Rafting, o trekking e o Arvorismo são as atividades mais oferecidas pelas empresas de turismo, e que as empresas oferecem capacitação para seus monitores e guias, porém há uma

carência de profissionais de Educação Física atuando na área, perdendo assim um espaço que é habilitado para exercer suas funções.

O referido trabalho apesar de se apropriar como objeto de estudo a nomenclatura Turismo de Aventura, no corpo do texto faz referência a tal prática corporal como Atividade de Aventura contemplando assim a ideia de Pimentel (2013). O que podemos perceber uma certa incoerência na utilização das terminologias.

Outro trabalho que apresenta como objeto de estudo o Turismo de Aventura foi o de Ávila et al. (2012), intitulado **Análise Do Turismo De Aventura Em Águas Na Praia Do Laranjal, Através Dos Sites De Pelotas, Rio Grande Do Sul, Brasil.**

Por meio de análise exploratória, qualitativa e pesquisa bibliográfica, os autores objetivaram averiguar as informações do Turismo de Aventura em águas e a importância da divulgação da internet para estimular novos praticantes.

Os autores concluíram que há um potencial para determinadas práticas como a canoagem, por conter ventos ideais e águas rasas, porém o setor de turismo do município precisa melhorar em infraestrutura, equipamentos e principalmente na divulgação em mídias sociais.

Para Ávila et al. (2012) ficou evidenciado que o Turismo de Aventura é uma prática de caráter não competitivo, pois os praticantes geralmente não têm aptidão no esporte a ser praticado e necessitam de um acompanhamento da atividade, através de guias ou condutores especializados.

Já no estudo de Silva e Alves (2012) **Inclusão Social No Turismo Acessível De Aventura Na Cidade De Socorro-SP**, buscou identificar e discutir como as empresas de Turismo de Aventura usufruem de equipamentos e tecnologias para acessibilidade, pois a cidade se tornou referência nacional em acessibilidade e inclusão no setor de turismo.

Através de uma pesquisa qualitativa, descritiva e análise bibliográfica, os autores perceberam que, Socorro-SP, possui o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), ao qual se dedica nas políticas públicas para adaptações de locais, equipamentos para facilitar o acesso da prática: rampas de acesso, cadeirinha adaptada,

bicicleta adaptada, placas em braile, calçadas táteis, adaptações em quartos para cães guias, são algumas das modificações feitas pelo município juntamente com as empresas privadas.

As empresas viram no Turismo de Aventura um crescimento para seus negócios e investiram na acessibilidade, dobrando assim seus lucros.

Intitulado **Fatores De Risco Inerentes À Prática De Arvorismo**, Oliveira, Guarizo e Schawartz (2016) destacaram o aumento de acidentes e danos ambientais com a popularidade da referida prática.

O estudo enfatiza portanto, três aspectos: equipamentos, instalações e condução segura, referenciados nas normas da ABNT para melhorar as empresas de turismo.

As técnicas da ABNT visam que as informações estejam sempre claras aos clientes, antes de aderir a qualquer prática, o indivíduo terá acesso a todos os tipos de informação principalmente os riscos (OLIVEIRA; GUARIZO; SCHAWARTZ, 2016).

Já com o título **Escalada Lúdica De Árvores: Aspectos Técnicos E Percepções De Uso**, Filletto e Igino (2016) propõem, o uso das normas da ABNT, NBR ISO 21101 - **Turismo de Aventura - Sistemas de Gestão da Segurança – Requisitos**, para escaladas realizadas de forma lúdica. E o trabalho **Escalada Em Rocha E Seu Impacto No Ambiente Natural: Abertura De Vias De Escalada**, (SEVERIAN; RICHARD, 2012) ambos derivados de um projeto de extensão na Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR, buscaram através de normas e procedimentos de segurança possibilitar o acesso com mais segurança potencializando assim o crescimento econômico no setor.

Podemos perceber que a terminologia Turismo de Aventura vem sendo utilizada como meio para investigar as empresas ou pessoas dos setores de turismo que visam o desenvolvimento econômico e viabilização de políticas públicas voltadas para este setor, com sua popularização a empresa de Turismo de Aventura vem aumentando seus investimentos.

Finalizando com o estudo que se intitulou **Bem Receber Copa Ecoturismo E Aventura: Investindo Na Qualificação Profissional Dos Condutores**, dos autores

Figueiredo et al. (2012) que analisaram a instituição ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, junto com o Ministério do Turismo por comandarem o projeto Bem Receber Copa Ecoturismo e Aventura, lançado para os mega eventos sediados no Brasil, oferecendo cursos presenciais e à distância, levando em consideração o grande fluxo de turistas internacionais e da diversidade do público.

Os autores objetivaram averiguar se as empresas que atuam com Atividades de Aventura estão preparadas para trabalhar com grupos especiais e se investem na formação de condutores bilíngues.

Contudo Figueiredo et al. (2012) concluiu que há necessidade de maior atenção à formação para atuação com públicos específicos, para possibilitar que as Atividades de Aventura sejam acessíveis a todos e a e uma maior preocupação com a formação em outros idiomas, para que o segmento da aventura possa se beneficiar dos megaeventos.

Podemos perceber que no estudo de Figueiredo et al. (2012), estabelece como foco de estudo o produto turístico, contemplando assim a terminologia Turismo de Aventura, mas na apresentação de seu estudo os autores fazem referência as Atividades de Aventura contemplando assim uma controvérsia segundo a literatura apresentada pelo nosso estudo.

4.2 Atividade de aventura nanatureza

Outra terminologia é a **Atividade de Aventura na Natureza** defendida por Marinho e Bruhns (2003), as autoras evidenciam que tais atividades ocorrem por meio de diversas práticas corporais manifestadas privilegiadamente nos momentos de lazer com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais. Condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e além disso, citam que há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos que permitem uma fluidez entre o praticante e o espaço destinado a essas práticas.

Apresentamos a seguir 06 (seis) estudos que se utilizam da terminologia supracitada.

No estudo realizado por Pacheco et al. (2016) **Gestão Da Informação Sobre Espaços Públicos De Atividade De Aventura**, objetivaram uma análise dos espaços e equipamentos com viabilidade de desenvolver vivências no campo do lazer, especialmente as atividades de Atividades de Aventura na Natureza, no espaço da FEENA (Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade).

Em seu estudo os autores perceberam que o espaço parece ser um aspecto secundário para o desenvolvimento das vivências no âmbito do lazer, todavia é necessário ser compreendida a importância da disponibilização de equipamentos adequados e propícios para estas finalidades, onde os mesmos podem influenciar diretamente nas escolhas das atividades a serem praticadas.

Eles concluíram que o espaço da FEENA, apesar de ter um grande potencial para um desdobramento das Atividades de Aventura na Natureza, ainda não tem sua exploração adequada e não possuem normatização e procedimentos que garantam a qualidade, segurança e sustentabilidade da mesma. Para facilitar a utilização e apropriação destes espaços pelos praticantes, esses desafios necessitam ser superados.

Intitulado **Lazer E Idoso: Relações Sociais E A Prática De Atividades De Aventura Na Natureza**, Viscardi, Figueiredo e Marinho (2016) objetivaram analisar as percepções de idosos participantes de um grupo de extensão de uma Universidade pública de Santa Catarina sobre as relações sociais vivenciadas durante a prática de Atividades de Aventura na Natureza.

Os resultados obtidos pelos autores proporcionam uma reflexão sobre os benefícios da participação do idoso nas referidas atividades, principalmente com relação ao estabelecimento de boas relações sociais, relações intergeracionais, como também a promoção de autonomia e a melhora da autoestima.

Em outro estudo destacado de Silva et al. (2014), **Uma Investigação Sobre A Prática Do Rapel No Município De Jequié-Ba: Possibilidades E Limitações**, o interesse e a motivação pela pesquisa surgiram pelos autores por acreditarem que o município investigado (Jequié-BA) proporciona um potencial natural para à prática do rapel, levando-se em consideração as montanhas existentes no local e sua gran-

de quantidade de cachoeiras, o que facilitaria a prática da atividade supracitada e por terem poucos estudos e pesquisas sobre o assunto.

Como instrumentos de coleta de dados foram realizadas visitas aos locais das práticas, registros fotográficos e entrevistas com os participantes.

Os autores perceberam que a referida prática (rapel) ainda é novidade e necessita de uma organização a respeito do planejamento das ações para garantir a integridade física dos participantes e melhores condições de acessibilidade.

Outro trabalho realizado em Jequié no estado da Bahia foi o de Pereira et al. (2014) com o tema: **Atividades De Aventura Na Natureza No Município De Jequié/Ba: Possibilidades E Limitações.**

Os autores objetivaram detectar as Atividades de Aventura na Natureza que são realizadas no município.

Após pesquisa de campo os autores perceberam que existem múltiplas atividades sendo realizadas, dentre elas as Trilhas, o Slackline e o Rapel.

Os autores evidenciaram em seu estudo que apesar das condições naturais do município propiciar a prática de tais atividades, não existem ações efetivas do poder público acarretando prejuízos econômicos e sociais na comunidade local.

As pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, na maioria das vezes acabam sendo excluídas de Atividades de Aventura na Natureza, principalmente pela falta de conhecimento dos profissionais que promovem tal ação (NOVAES et al., 2014).

Através da análise do decreto nº 7.381/2010, que estabelece normas sobre a Política Nacional de Turismo e o manual de orientações básicas do ministério do turismo sobre as ações relacionadas ao ecoturismo, juntamente com a análise da carta técnica de procedimentos no atendimento para a pessoa com deficiência na educação física, esporte, recreação e lazer, os autores Novaes et al., (2014) elaboraram um estudo intitulado **Inclusão De Pessoas Com Deficiências Na Prática De Esportes De Aventura.**

Os autores acima objetivaram diagnosticar as normas e procedimentos no atendimento destinado à pessoa com deficiência.

Após análise documental os autores puderam perceber que tais normas e procedimentos não garantem um amparo legal adequado para o atendimento do público em questão, sendo limitados e superficiais, os autores constataram também a falta de articulação entre os parâmetros legais que envolvem a temática abordada.

Contudo Novaes et al. (2014) perceberam a necessidade de um diálogo mais profundo entre os proponentes e os beneficiários de tais ações, com o objetivo da construção de um amparo legal que atenda esse grupo de forma satisfatória.

E por fim, a essa terminologia temos o de Oliveira, Teodoro e Schwartz (2012), intitulado **Atividades De Aventura Na Natureza E Investimentos Com Equipamentos De Segurança**.

O referido estudo buscou identificar, no ramo das Atividades de Aventura na Natureza, o crescimento na procura por essas nas empresas de turismo da cidade de Brotas-SP e como os investimentos com equipamentos de segurança acontecem.

Os autores verificaram que existe um aumento significativo no número de pessoas que buscam as Atividades de Aventura na Natureza em Brotas-SP, em vista dos últimos dez anos, promovendo também o aumento da concorrência.

Podemos perceber no estudo acima uma incoerência teórica quanto à utilização das terminologias apesar de Oliveira, Teodoro e Schwartz (2012) se utilizarem da terminologia Atividades De Aventura Na Natureza, nos parecia ser mais coerente a terminologia Turismo de Aventura, devido ao fenômeno de estudo que foi estabelecido pelos autores contemplando assim a ideia de Uvinha (2005), estabelecendo a partir de uma relação entre oferta e demanda.

Essa atividade é realizada por um público com motivações peculiares, viabilizada por uma infraestrutura e recursos humanos especializados em implementar uma experiência desafiadora, seja na perspectiva do excursionismo ou do turismo (UVINHA, 2005).

Contudo Teodoro e Schwartz (2012), apresenta que as vivências com essas atividades geram emoções voltadas aos aspectos da ansiedade de formas distintas em homens e mulheres.

4.3 Atividade Física NaNatureza

No estudo de Augusti, Aguiar e Manfiolete (2012) intitulado **Caminhar na Mata, Conhecer A Natureza E Tecnologia: Algumas Considerações E Reflexões**, o objetivo foi apresentar uma reflexão crítica sobre o impacto da tecnologia nas relações que se estabelecem entre o indivíduo, a caminhada e a apreensão do mundo natural. Os autores relatam que o ato de caminhar apesar de ser biológico, também se apropria de significados culturais.

Caminha-se para trabalhar, para se exibir, para homenagear, para penitenciar, para consagrar, para divertir, para lutar por direitos cívicos, para esquecer, recordar, solucionar questões existenciais e, enfim, dentre tantos usos e abusos do ato de caminhar, caminha-se para conhecer a si mesmo e ao mundo circundante. (AUGUSTI; AGUIAR; MANFIOLETE, 2012, p. 135).

Os autores relatam que a caminhada não apenas mudou ao longo da nossa história, como também é e foi distinta entre as diversas culturas.

Para algumas pessoas ela pode ser a única forma de se chegar aos alimentos, para outras pode ser associada a um estilo de vida objetivando a fadiga física ou até potencializando o bem estar (AUGUSTI; AGUIAR; MANFIOLETE, 2012).

O referido trabalho apresenta que o ato de caminhar pode estabelecer uma relação com a Aventura impulsionando o ser humano para o desconhecido, na fronteira entre o sagrado e o profano estabelecido por ele (SPINK, 1995; COSTA, 2000).

Nessa perspectiva, caminhar na mata, pelas montanhas, em trilhas na natureza, enfim, é uma “aventura” forjada na superficialidade de uma natureza domesticada pelos meandros econômico-culturais da contemporaneidade (AUGUSTI; AGUIAR; MANFIOLETE, 2012, p. 135).

Segundo Augusti, Aguiar e Manfiolete (2012), a intenção não é fazer apologia ao ‘retorno à natureza selvagem’ como uma melhor possibilidade de viver; muito menos abominar a Ciência e a Tecnologia, mas, trazer uma reflexão crítica sobre a relação do indivíduo com o mundo natural que, cada vez mais é marcada tanto quanto pelo objetivismo científico, como pela exploração do mercantilismo cultural expressos pela utilização crescente da tecnologia que, ao mediar tal relação, contribui para retirar a intencionalidade desse contato.

4.4 Esportes Radicais

A seguir apresentaremos 04 (quatro) trabalhos, cujos estudos se utilizam da terminologia Esportes Radicais, terminologia apresentada por Pereira e Armbrust (2010).

Iniciando com o estudo de Santos et al. (2016) designado **Praticando Esportes Radicais No Meio Urbano**, os autores objetivaram conhecer as áreas e atores das práticas de skate, Slackline, e Escalada em muros e suas motivações para tais práticas e modalidades na cidade de São Paulo.

Os autores relatam que os skatistas na média praticam há mais tempo, certamente porque a cultura do skate é mais antiga e consolidada na cidade de São Paulo. Já na prática do Slackline observou-se que os entrevistados praticam a menos de 03 (três) anos, mostrando assim que a cultura da modalidade ainda é recente, conquistando seu espaço aos poucos.

Cabe salientar que Santos et al. (2016) relatam que os participantes da pesquisa apontam também que aprenderam sozinhos, ou com familiares e amigos, destacando portanto, que não há importância das aulas de Educação Física de forma formal ou informal na iniciação da aprendizagem dessas modalidades.

O autor ainda relata que poucos são os que usam da modalidade de slackline como competitiva, exibindo dessa forma a presença de lazer nos Esportes Radicais.

Entretanto os escaladores têm média de idade maior do que os demais, talvez devido a necessidade de equipamentos mais caros, da necessidade de cursos para aprendizagem da Escalada e das maiores possibilidades de acidente em sua prática.

Em suas considerações Santos et al. (2016), relatam que na rotina dos indivíduos pesquisados, os Esportes Radicais estão sendo inclusos, acrescentando novas possibilidades para Cultura Corporal do Movimento, incentivando a busca por desafios, superações, “Qualidade de Vida” e prazer.

Demonstrando também que há certo distanciamento da Educação Física com os Esportes Radicais.

O próximo estudo apresentado é o de Machado et al. (2012), **Uma Visão Real Da Prática De Esportes Radicais E De Aventura Nos Municípios De Barra Do Garças-MT, Pontal Do Araguaia-MT e Aragarças-GO.**

O presente trabalho objetivou verificar como se caracteriza os Esportes Radicais e de Aventura nas cidades supracitadas através de entrevista realizada com os praticantes de Bicicross, Triathlon, Mountain Bike, Canoagem, Rapel e Slackline.

Os autores descrevem que esses municípios desenvolvem eventos esportivos periódicos unicamente pela iniciativa privada, que por sua vez apoia financeiramente alguns desses atletas, evidenciando a falta de políticas públicas, não possibilitando uma melhoria do desenvolvimento sociocultural da região.

Para Machado et al. (2012) espera-se um comprometimento dos governantes para que possibilite uma valorização turística dos Esportes Radicais e de Aventura nessa região.

Podemos perceber no estudo de Machado et al. (2012) evidências que os autores percebem tal prática como potencial turístico, sendo assim, tomando outras características quanto a sua terminologia. A partir do momento que tal prática corporal toma moldes de produto, entendemos que a terminologia mais adequada seria Turismo de Aventura.

Outro trabalho que busca estabelecer a relação entre políticas públicas e os Esportes Radicais é o de Gomes, Oliveira e Bahia (2016) denominado **Bicicross, Patinação Radical E Skate: Análise De Políticas Públicas De Lazer Acerca De Espaços E Equipamentos Em Belém Do Pará.**

Os autores analisaram as políticas públicas da cidade de Belém do Pará, sobre como tem sido a manutenção e a oferta de equipamentos, e áreas voltadas para as práticas de Bicicross, Skate e Patinação.

Os autores apresentaram os seguintes resultados: a existência de políticas públicas para o lazer separadas das reais necessidades dos praticantes onde a infraestrutura é precária, materiais distribuídos em quantidades insuficientes, onde Gomes et al. (2016), relata que o investimento e apoio estão vindo de Associações, Federações esportivas das modalidades para realização de eventos.

Sendo assim Gomes et al., (2016), conclui que a cidade de Belém do Pará possui uma boa estrutura para os Esportes Radicais, áreas específicas que seriam excelentes para construção de espaços radicais, contudo necessita de um maior apoio do poder público para tal.

E por fim com o estudo **O Surfe De Asfalto” Nas Ondas Da Produção Acadêmica: Uma Revisão De Literatura** dos autores Teixeira e Freitas (2012). Tal estudo em andamento apresenta os primeiros resultados de uma revisão de literatura que visa produzir uma reflexão e um cenário em relação à presença do skate no Brasil.

Os autores relatam que é possível dizer que o “surf de asfalto”, como é frequentemente mencionado a prática do skate em sua concepção pelos pesquisadores onde caracteriza-se por ser um recente investimento de pesquisa, pois as publicações encontradas que se debruçam a discorrer sobre o tema datam da virada do século XX para o XXI em diante, alcançando múltiplas facetas desse universo.

Dessa forma Teixeira e Freitas (2012), evidenciam que o skate aparece vinculado a uma prática cultural, através de movimentos de contestação como a cultura punk e outras práticas corporais das décadas de 60 e 70.

4.5 Atividades DeAventura

Continuando nosso caminho, apresentamos a seguir 21 (vinte e um) trabalhos que contemplam a ideia de Pimentel (2013) **Atividades de Aventura**.

Para iniciarmos nossa apresentação, destacamos o estudo de Santos (2014) no curso de Bacharelado em Educação Física de uma Universidade pública de Santa Catarina, intitulado **Percepção De Competências De Estudantes De Educação Física A Partir Da Vivência De Atividades De Aventura**.

Após o desenvolvimento de uma disciplina centrada na abordagem dos Esportes de Aventura em dois semestres distintos do ano de 2013, os alunos foram convidados a responder um questionário contendo perguntas abertas e fechadas.

Para Santos et al. (2014) os resultados indicam que os alunos perceberam as seguintes competências no desenvolver da disciplina: capacidade de se relacionar,

criatividade, liderança, flexibilidade, iniciativa, persistência, postura proativa, entre outras sendo que as competências percebidas pelos alunos do primeiro e segundo semestres foram semelhantes.

Estes resultados evidenciam que as Atividades de Aventura na Natureza se mostram como possibilidade de desenvolver competências diversificadas.

Após análise do estudo, percebemos a utilização de duas terminologias distintas para se tratar do mesmo fenômeno. Apesar de apresentar em seu título a terminologia Atividade de Aventura no corpo de seu texto ele cita a referida prática como sendo Atividade de Aventura na Natureza.

Dando prosseguimento no estudo de Rabelo (2016), denominado **Pessoas Com Deficiência E Atividades De Aventura: Estudo Exploratório Das Empresas De Ecoturismo E Turismo De Aventura No Nordeste Do Brasil**.

O referido estudo analisou a dificuldade da realização do lazer para pessoas com deficiência nas práticas corporais de aventura na natureza, contudo, verificou-se a quantidade de empresas da região nordeste do Brasil cadastradas na Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura que disponibiliza serviços para pessoas com deficiência.

Os autores perceberam que somente uma empresa informava no site a possibilidade de atendimento a pessoas com deficiência.

Sendo assim, ficou evidente a necessidade de ampliar o número de empresas que oferecem serviços de Atividades de Aventura para pessoas com deficiência, pois se trata de um nicho de mercado pouco explorado (RABELO,2016).

Analisando o referido estudo percebemos uma incoerência no que tange a utilização de nomenclaturas que começa em seu título e se estende em várias partes do texto.

Para Rabelo (2016). Atividade de Aventura e Turismo de Aventura são terminologias que designam ao mesmo fenômeno a ser estudado, não contemplando os estudos apresentados em nosso trabalho.

Dando prosseguimento, apresentamos o estudo cognominado **Tecnologias E Difusão Das Experiências Significativas, No Contexto Das Atividades De Aventura** de Campagna e Schwartz (2012).

Através das análises dos anais dos CBAA's de 2006 a 2011, o estudo renovou as dúvidas existentes nas práticas de aventura provocados pelas tecnologias de informação e comunicação atuais e outro desafio instalado foi de tentar aproximar a relação entre as experiências relatadas e favorecer políticas públicas e/ou privadas nessa direção.

Outro estudo que usa como base dos dados o Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) é o de Iannoni et al. (2012) intitulado **Atividade De Aventura Na Terceira Idade: Uma Análise Dos Anais Do CBAA**.

O estudo acima se deu pela observação na discrepância de abordagens sobre a temática terceira idade, levando a análise nos anais da CBAA.

Foram investigados os temas referentes à terceira idade apresentados no referido evento no período de 2006 a 2011.

Com os resultados da pesquisa, os autores observaram que o tema da terceira idade ainda é pouco analisado nos estudos relacionados às Atividades de Aventura, observando-se um número pequeno de abordagens sobre terceira idade, analisados em todos os anais.

Iannoni et al. (2012) reiteram que a população investigada está em crescimento no Brasil. Concluindo ser de grande importância o estudo teórico para ampliação do conhecimento dos profissionais que atuam nesta área.

Jogos Eletrônicos De Atividades De Aventura foi o estudo apresentado por Novais et al. (2012). O estudo se tratou de pesquisar os jogos eletrônicos que simulam as Atividades de Aventura, criados para os consoles Playstation 3 e Xbox 360.

Segundo Novais et al. (2012), as Atividades de Aventura têm crescido cada vez mais, porém sua prática é restringida pela falta de tempo, dificuldade e acesso a algumas dessas atividades ou pela falta de segurança.

Para os autores uma possibilidade de se reparar esses empecilhos é através da vivência de jogos eletrônicos que simulem essas experiências. Os autores puderam concluir que existe um número relevante de jogos eletrônicos referentes à temática das Atividades de Aventura. Para Novais et al. (2012) fica evidente um crescimento nesse mercado de ambos os ambientes, natural e o virtual, para a prática dessas atividades.

Outro trabalho que estabelece um diálogo com as tecnologias é o de Nascimento et al. (2012) que recebe o título de **Atividade De Aventura E As Tecnologias: Análise Das Publicações Das Revistas Motriz E Movimento**, onde os autores observaram que apesar do crescimento das Atividades de Aventura, poucos estudos apresentam a sua evolução tecnológica e sua influência para essas vivências e foi o que os motivaram a desenvolver essa pesquisa a fim de investigar os temas referentes às tecnologias e as Atividades, para tanto perceberam que apesar do tema ter despertado interesse, os estudos nessa área ainda se encontram deficientes, comparados ao total de publicações das revistas analisadas.

Em seu estudo Nascimento et al. (2012) evidencia a necessidade de se expandir os estudos que trate sobre essas temáticas, proporcionando acesso à informação e a gestão desse conhecimento para uma melhor compreensão desse universo.

Já no trabalho **Representações Sociais Sobre Atividades De Aventura Na Cidade De Arapongas** de Moraes (2012), objetivou-se identificar a procura e o desejo pela prática de Atividades de Aventura. Observou-se que os consumidores deste mercado de aventura focam-se na maioria homens, pertencentes a um grupo social de classe média, preocupados principalmente com a "Qualidade de Vida".

Outro trabalho intitulado **Atividades De Aventura: Uma Forma De Lazer No Acampamento Toca Do Lobo**, de autoria de Mazarom e Silva (2012), procurou identificar qual era o objetivo de quem procura essas vivências dentro do acampamento.

Segundo Mazarom e Silva (2012) as Atividades de Aventura oferecidas no Acampamento Toca do Lobo são atividades físicas e pedagógicas de caráter educativo como também recreativo.

Já no estudo de Gobeti et al. (2012) intitulado **A Patinação Artística Pode Ser Estudada A Partir De Uma Perspectiva Conceitual De Atividade De Aventura?** os autores objetivaram averiguar se a patinação artística se enquadra como uma Atividade de Aventura, relatando que a patinação artística é um “esporte” que integra os seguintes fatores, competição, saúde, recreação, arte e aventura. Considerando aventura algo que não seja tangível em um primeiro momento o que é muito comum aos praticantes de modalidades na natureza.

Gobeti et al. (2012) buscam outro autor para referenciar sua discussão, sendo assim, Pimentel (2010), destaca que parte do entendimento mais abrangente de “Atividades de Aventura” como toda experiência involuntária de risco (real ou imaginado) e incerteza, podendo ser procurada em diferentes ambientes, os quais estão associados a novas descobertas, portanto, a aventura pode estar tanto em um acampamento quanto em um mergulho submarino.

Pautado nos referenciais que sustentam as terminologias apresentadas em nosso estudo podemos perceber outro trabalho que se apropria de duas terminologias estabelecendo um diálogo com o mesmo fenômeno.

Apresentando o trabalho de Cecarelli et al. (2012b) com o tema **Atividades De Aventura, Qual A Preferida?** Os autores juntamente com os alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Rio Claro, fizeram um levantamento das Atividades de Aventura e a escolha de duas atividades que mais gostariam de fazer, e junto ao professor escolheriam qual dessas Atividades de Aventura seria praticada pelo grupo em uma excursão. Com base nas respostas e escolha dos alunos, observou-se que as atividades mais escolhidas foram: Arvorismo, Rafting, Boia-Cross, Rapel e Trekking.

Os autores explicam que através de um debate seguido de uma votação a opção escolhida foi a prática do trekking, por permitir ao grupo uma maior série de experiências e um maior número de participantes.

A autora no mesmo ano publica outro trabalho que estabelece um diálogo com o trekking intitulado **Benefícios Do Trekking: Olhares Da Psicossociologia Do Esporte**, objetivou investigar quais os benefícios observados e ressaltados pelos praticantes da modalidade sem fins competitivos. Cecarelli et al. (2012a). A mesma não apresenta resultado pelo estudo estar ainda em andamento.

No estudo **Movimento Escoteiro: Contribuições Ao Debate Acerca Das Atividades De Aventura** de Varoto e Silva (2012), os autores objetivaram contribuir com os estudos de lazer e promover elementos de estudo para os profissionais que pretendem atuar com Atividades de Aventura. O presente estudo buscou analisar o Movimento Escoteiro, para identificar quais são suas contribuições para posteriores estudos relacionados às Atividades de Aventura.

Já no estudo de Passarelli e Noda (2012) intitulado **A Escalada Para Deficientes Visuais: Reflexões E Propostas Para A Realidade Maringaense**, faz-se uma reflexão sobre os obstáculos e as viabilidades quando se trata da iniciação dos deficientes visuais em escalada, descobrindo suas sensações ao iniciar essa vivência, conhecendo as características específicas dos deficientes visuais e produzindo adaptações para essa população.

Os autores descrevem que através do procedimento composto por: Uma avaliação realizada antes das atividades práticas, com questionário de conhecimentos e atitudes sobre os deficientes visuais e observação participativa. Segunda avaliação e depois em nove sessões sendo as sete primeiras em relação direta com o que foi considerado uma progressão lógica do conteúdo da escalada. E as duas restantes estão intimamente ligadas ao processo de participação e reflexão. (PASSARELLI; NODA, 2012).

Dando prosseguimento a nossa apresentação com o estudo intitulado **Visão Da População Acerca Dos Benefícios Trazidos Aos Praticantes De Atividades De Aventura** de Barbosa et al. (2012).

No estudo supracitado os autores objetivaram identificar quais são os pontos de vista dos universitários em relação aos benefícios trazidos aos praticantes das Atividades de Aventura.

Segundo eles, após pesquisar duzentos universitários as opiniões se apresentaram da seguinte forma: Os benefícios das Atividades de Aventura estão relacionados com saúde (87%), saída da rotina (70%), emoções fortes (68%) e rejuvenescimento (58%).

Analisando o estudo de Euflausino et al. (2012) Em **Parkour: Do Método Natural À Técnica De Si**. O autor buscou Através da literatura geral (acadêmica e midiática) aprofundar os conhecimentos em torno ao Parkour, para conhecer seus meios e suas finalidades.

Para Euflausino et al. (2012) o Parkour é uma Atividade de Aventura, coberto por uma filosofia de vida, tendo como o domínio de si por meio da superação e a dimensão mais difundida.

No estudo **Atividades De Aventura Associadas À Percepção De Qualidade De Vida Na Terceira Idade** de Custodio e Luz (2012), tratou-se de uma análise de Atividades de Aventura, como meios alternativos de melhoria na “Qualidade de Vida”, e a adaptação dos esportes para o público em questão.

Com os resultados, observou-se que a Atividade de Aventura influenciou de forma positiva na percepção da “Qualidade de Vida” promovendo melhorias na maioria dos participantes.

No referido trabalho, apesar da nomenclatura Atividade de Aventura começar a definir o objeto de estudo, podemos perceber que durante o texto os autores se referem a tal prática como Esporte, caracterizando assim uma utilização de duas terminologias para descrever o mesmo fenômeno.

Dando prosseguimento a nossa análise apresentamos o estudo de Filho et al. (2012) cujo o título, **Emocional Tensão E As Atividades De Aventura**, que apresentou como proposta avaliar a relação entre a prática da Atividade de Aventura e às emoções, dando-se atenção, a tensão presente na Atividade de Aventura Surf.

Os autores observaram que alterações significativas no funcionamento das emoções, e melhorias satisfatórias nos estados emocionais dos participantes, em especial, na Tensão.

No trabalho de Noda e Pimentel (2012) cujo o título **Representações Sociais De Praticantes De Skate Em São Paulo, Paraná E Rio Grande Do Sul**. Objetivaram entender melhor a referida prática, através de uma análise no que se refere à percepção de skatistas sobre as próprias características e a maneira como vivenciam e representam o Skate.

No agrupamento dos dados colhidos, os autores apresentam que os motivos mais citados que levam a prática é a diversão com 78% da população total entrevistada.

Caminhando para o fim dessa terminologia apresentamos agora o trabalho de Moreno e Figueiredo (2012) denominado **A Produção Científica Do Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura (2006-2011) Sob A Perspectiva Da Educação Ambiental**.

Os autores propuseram com o estudo identificar de que forma os princípios da Educação Ambiental do Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA) tem sido abordado nos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura (CBAA), realizados no período de 2006 a 2011. Eles mencionam que o referido estudo proporcionou uma reflexão a respeito da perspectiva que a Educação Ambiental é abordada nas Atividades de Aventura.

Esta investigação demonstrou uma preocupação dos pesquisadores mais direcionada para preservação ambiental e sensibilização do praticante, os autores destacam que os estudos abordando a temática educação ambiental estão em um crescente, eles percebem que os conceitos da PIEA vêm sendo trabalhados de forma direta ou indiretamente.

No penúltimo estudo a ser apresentado da terminologia em questão intitulado **Significados E Percepção Subjetiva Sobre Saúde E Qualidade De Vida Na Concepção De Praticantes De Mountain Bike produzido** por Pacheco et al. (2014), buscaram analisar as interfaces dos significados e dos benefícios do Mountain Bike para seus praticantes.

Os dados foram colhidos em encontros pessoais e pela rede social e foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo.

Após os dados coletados pelos autores pode-se verificar que os significados da prática e os benefícios de ordem emocional estão intimamente relacionados e sem muita diferença para os entrevistados.

Os autores constataram que os praticantes não referiram os benefícios apenas ao exercício físico em si, mas também a perspectiva das sensações subjetivas de bem-estar.

E por fim temos o estudo de Vitalino et al. (2014) denominado **Investigação Sobre A Prática Do Trekking Em Um Município Do Sudoeste Baiano**, a referida investigação se deu município de Jequié/BA buscando analisar as práticas relacionadas ao trekking no município.

Com os resultados foi constatado que a prática do *trekking* ocorre de forma sistemática no município através de grupos.

Entretanto os autores relatam que a falta de estrutura profissional no que se refere ao acompanhamento das práticas realizadas, fragiliza o aumento de adeptos, e põe em risco a integridade física dos praticantes.

4.6 Esporte DeAventura

Apresentamos a seguir os 21 (vinte e um) trabalhos que apresentam a terminologia Esporte de Aventura sugeridas por Pereira e Armbrust (2010).

Pesquisa realizada por Zambonato, Coldebella e Costa (2012), Intitulado **Natal Da URI: Cultura, Aventura E Magia**.

A proposta teve como objetivo aproximar a realização de Esportes de Aventura com a Educação Física sem a intenção de deturpar o Natal, e sim com intuito de aflorar o sentimento de uma consciência significativa propiciada pela prática destes esportes.

A proposta foi de realizar um Natal diferente, desenvolvida pela Universidade Regional Integrada (URI) - Erechim-RS através de um trabalho multidisciplinar entre os cursos de Ciências Biológicas, Educação Física e Letras.

Foram realizadas atividades de Arvorismo e Tirolesa, que proporcionou aventura e diversão aos participantes sob a responsabilidade do curso de Educação Física objetivando também a divulgação dos Esportes de Aventura.

Apesar do trabalho acima estabelecer um diálogo com os Esportes de Aventura defendidos por Pereira e Armbrust (2010), percebemos que suas evidências contemplam a ideia de Pimentel (2013) que defende a terminologia **Atividades de Aventura**, sendo uma nomenclatura subjetiva para manifestações como Arvorismo, Acampamento, Trilha Ecológica entre outras.

Continuando nossa apresentação o trabalho de Chao et al. (2016) que investigou a **Importância De Vivência Prática De Escalada Para Estudantes Do Curso De Educação Física Da UFRN**.

Objetivaram investigar a importância da prática da escalada como vivência na disciplina de Ecoturismo e Educação da (UFRN).

Para Chao et al. (2016), a escalada caracteriza-se como um Esporte de Aventura, ao qual vem crescendo em consequência do avanço tecnológico, que oferece alguma segurança ao praticante, bem como a diversidade de espaços propícios.

Os autores apresentaram como resultados da pesquisa os aspectos mais citados pelos alunos dentre eles citaram: conhecer a formações rochosas, vivenciar o Esporte de Aventura, contato com a natureza e desenvolvimento da consciência ambiental.

Nos falta informações mais claras no trabalho para verificar como os autores estabeleceram sua sequência metodológica nas aulas para conseguir aferir tais dados.

Já o trabalho de Pereira, Torres e Gomes (2012) intitulado, **O Uso E Conservação Nos Esportes De Aventura: Um Olhar Sob A Perspectiva Dos Escaladores**, objetivou investigar qual o ponto de vista dos praticantes de escalada no Ceará, de acordo com a conservação das áreas naturais, utilizadas para prática.

Por meio de pesquisa qualitativa, exploratória e questionário, onde escaladores responderam de forma livre sua opinião a respeito do uso dos locais de escalada quanto a sua preservação.

Grande parte dos Esportes de Aventura são realizados em ambientes naturais, o que traz pontos positivos e negativos, entretanto, os pontos positivos seriam a interação homem e natureza, e os negativos, a partir do momento em que acontecer essa interação, o homem descuida, não preserva e só usufrui do que a natureza tem para lhe oferecer estabelecendo assim uma relação antropocêntrica (REIGOTA, 2012).

Os autores concluíram que, a maioria dos entrevistados visualizam prejuízo para a natureza e declaram ser de responsabilidade de cada indivíduo, guardar e colocar seu lixo produzido em seus devidos lugares, evitando a degradação na natureza.

Dando sequência em nossa análise, o estudo de Santos et al. (2014) intitulado **Escalada Noturna Na Serra Do Mel: Esportes E Atividades De Aventura Em Montes Claros – MG**, buscou analisar as experiências pessoais realizadas na área de Montes Claros-MG, em ambiente noturno, através da pesquisa qualitativa, descritiva, com questionário aos praticantes de Esporte de Aventura mais especificamente escalada noturna.

Nas entrevistas realizadas os autores perceberam que os escaladores identificam as experiências vividas como positivas. Trazendo o seu diferencial das escaladas noturnas e diurnas, destacando maiores emoções na noturna como: prazer e adrenalina, além dos benefícios como trabalho em equipe, autodisciplina, superação, cooperação, conhecer os seus próprios limites, solidariedade, controle do risco, dentre outros (SANTOS et al., 2014).

Em outra pesquisa desenvolvida em Minas Gerais intitulada **Diagnóstico Dos Escaladores De Diamantina/MG** realizada por Santos et al. (2016), os autores buscaram em sua pesquisa descobrir o perfil dos praticantes que usufruíam dos parques em Diamantina/MG, pelo meio de análise quantitativa, exploratória com integrantes da AEJ (Associação de Escaladores do Jequitinhonha).

O desfecho do trabalho apresentou, que entre 13 (treze) indivíduos entrevistados, somente 2 (duas) são mulheres; todos iniciaram a prática por influência de amigos, e 9 (nove) não possuíam os devidos equipamentos para segurança, sendo assim a maioria desconhecia as técnicas para o auto resgate.

Portanto, os autores perceberam que poucos escaladores são associados em Diamantina e que existem poucas pessoas experientes.

O referido estudo sugere a elaboração de cursos da modalidade para aprimoramento da escalada.

Outro estudo desenvolvido no estado de Minas Gerais foi o de (DUARTE et al., 2016) **Esportes De Aventura Na Cidade De Divinópolis/MG: Uma Perspectiva Dos Discentes Da UEMG Unidade Divinópolis.**

Os autores relatam que com a urbanização crescente, os Esportes de Aventura que se localizam em grande parte nas áreas naturais, estão se instalando nos centros urbanos.

Na intenção de encontrar os esportes oferecidos na cidade de Divinópolis, e quantificar o conhecimento que a população obtém das práticas do Esporte de Aventura, aplicou-se um questionário para os alunos da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais).

Os autores obtiveram como resultados dessa pesquisa que grande parte dos entrevistados não conhecem os Esportes e Aventura em sua cidade, os que conhecem praticam “Rapel” em cidades próximas, sendo a prática do Skate mais popularizada no município.

Outro trabalho pesquisado na cidade de Divinópolis foi o de Cardoso et al. (2016) intitulado **Fatores Motivacionais Para A Prática De Slackline Na Cidade De Divinópolis/MG.**

De acordo com os autores os indivíduos de todas as idades estão aderindo a prática do Slackline, mas salientam que como prática educativa e esportiva, porém há pouco conhecimento acadêmico sobre a modalidade.

A pesquisa em questão objetivou apurar quais os fatores que motivam a prática do Slackline, a fim de contribuir com um avanço na área deste esporte.

Os autores elaboraram um estudo com 7 (sete) praticantes de Slackline, no qual consistia em responder o Inventário Motivacional para Atividade Física (IM-PRAF-54) que por meio delas foram geradas estatísticas no estudo, constatando a

sociabilidade, saúde e prazer como fatores motivacionais de forma intrínseca causadas pela prática do Slackline.

Com essa análise, Cardoso et al. (2016) visam contribuir com os profissionais de Educação Física, para que eles trabalhem em cima dos fatores motivacionais dos seus clientes, buscando o seu diferencial no mercado do esporte de aventura e fomentando a prática do Slackline.

Temos agora o estudo de Batista et al. (2014), **Os Esportes De Aventura E O Espaço Urbano: Uma Investigação Sobre a Prática Do Skate No Município De Jequié/BA.**

O referido estudo buscou encontrar as características da prática do skate em Jequié-BA, os autores também obtiveram a intenção de alertar o poder público sobre essa vivência e criar possibilidades para o avanço nas pesquisas científicas.

De natureza qualitativa, exploratória, com coletas de dados e entrevistas com os praticantes, os pesquisadores identificaram muitos pontos da cidade onde adolescentes e jovens se encontram para a prática do skate.

Os autores perceberam em sua pesquisa que a cidade de Jequié-BA está se tornando um símbolo do Esporte de Aventura, mais especificamente do skate, pois o incentivo à prática no local é fortemente estabelecida pelos próprios praticantes.

Já no estudo intitulado **Esportes De Aventura Como Lazer Na Região Do Cariri Cearense**, desenvolvido pelos autores Agapto, Silva e Sobrinho (2016) objetivou-se entender como os Esportes de Aventura estão sendo desenvolvidos no ramo do lazer em Cariri.

As áreas naturais que são excelentes para as práticas de diversas modalidades do Esportes de Aventura, estão localizadas na região do Cariri. Por conter turismo e empresas específicas na cidade para atender aos esportes.

A partir dos resultados obtidos pela coleta de dados da pesquisa, os autores perceberam que em sua maioria, os Esportes de Aventura são praticados por lazer, sendo que 30% diz praticar para melhorar sua saúde, condicionamento físico e buscando a qualidade de vida.

Afirmam também que as modalidades mais aplicadas seriam a caminhada em trilhas e o Mountain Bike. A Floresta Nacional do Araripe não só é um local muito adequado para tais práticas, como também são os mais utilizados pelos praticantes da região (AGAPTO; SILVA; SOBRINHO, 2016).

O trabalho acima apesar de estabelecer um diálogo com a terminologia Esportes de Aventura de Pereira e Armbrust (2010) se contradiz em seu enredo estabelecendo uma relação muito clara com a terminologia Turismo de Aventura que é sugerida por Uvinha (2005).

Apresentamos agora o estudo de Machado et al. (2012) **Uma Visão Real Da Prática De Esportes Radicais E De Aventura Nos Municípios De Barra Do Garças-MT, Pontal Do Araguaia-MT E Aragarças-GO.**

Na intenção de investigar os Esportes de Aventura e os Esportes Radicais descobrindo suas características e classificações, foram entrevistados 12 (doze) indivíduos ao quais praticam Esportes Radicais ou de Aventura que são os mais visados pelo público da região, práticas como Triathlon, Rapel, Canoagem, Mountain Bike, Bicicross e o Slackline.

Os autores concluíram em seu estudo que o amor pela prática, é a razão pela qual continuam inseridos nos esportes, mesmo tendo custos altos, pois o apoio do município não favorece as estruturas específicas para as práticas.

O que percebemos no estudo apresentado é a utilização de duas terminologias para se tratar do mesmo fenômeno, sendo que, cada qual é estabelecida por características bem peculiares e o que também nos chama atenção foi o enquadramento do Triathlon, visto que tal prática não é contemplada por nenhuma das duas terminologias apresentadas no estudo de Machado et al. (2012).

Dando prosseguimento, apresentamos o trabalho de Carmo et al. (2016), denominado **Esportes De Aventura E Estados Emocionais.**

Os autores apresentaram análises sobre a relação dos Esportes de Aventura com o estado emocional do indivíduo.

No estudo acima citado, eles puderam perceber que reações químicas podem sim ser provocadas pelo Esporte de Aventura tais como: adrenalina, ansiedade e

prazer; trazendo consigo também alegria, euforia e bom humor, o que torna a prática do esporte cada vez mais positivo.

Segundo Carmo et al. (2016), o Esporte de Aventura vem sendo considerado como um benefício para saúde do indivíduo, desempenhando um papel importante na qualidade de vida do ser humano.

Outro trabalho de Carmo et al. (2016) cognominado **Esportes De Aventura Praticados Por Idosos Brasileiros: Análise De Reportagens Da Internet**, foi elaborado mediante a análise exploratória de sites e blogs, onde o autor objetivou encontrar a relação do Esporte e Aventura e os idosos, descobrindo assim sua aceitação, para diante disso verificar se há o crescimento do Esporte de Aventura praticado por idosos.

Os autores observaram que há uma variedade de Esportes de Aventura aos quais os idosos estão se inserindo.

Para Carmo et al. (2016) há alguns benefícios por meio da prática como a superação de paradigmas, o preconceito com o envelhecimento e vantagens na melhoria da saúde física e psicológica.

Segundo Ramalho, Lucca e Pereira (2014), na procura de melhores hábitos de vida, aumentou-se o desejo dos indivíduos pelas práticas de Esporte de Aventura.

Para os autores, mesmo os esportes podendo oferecer possibilidades de acontecer algum acidente aos praticantes, a adesão por tais práticas corporais vem aumentando por estabelecer uma relação bem-estar aos praticantes.

No estudo realizado por Ramalho, Lucca e Pereira (2014) alcunhado **Indivíduos Fisicamente Ativos Desejam Praticar Esportes De Aventura, Mas Desconhecem Seus Benefícios Para Saúde**, pelo meio de 90 entrevistados, com mais ou menos a idade entre 25 a 29 anos, frequentadores das academias da região do Vale do Aço/MG.

Os autores relataram que os resultados mostraram que poucos conhecem os benefícios para a saúde, porém as pessoas fisicamente ativas demonstram interesse em praticar.

Com base nos fatos relatados em sua pesquisa Ramalho, Lucca e Pereira (2014), concluíram que é necessário divulgar e esclarecer a todos sobre os possíveis efeitos do esporte para saúde física e psíquica.

Sendo os psíquicos estando ligados à motivação, estresse e controle da ansiedade e os físicos podem surgir, por melhora na força, equilíbrio e flexibilidade.

Segundo Ramalho, Lucca e Pereira (2014), as academias específicas para os treinamentos de escalada ainda são uma nova área de atuação para o profissional de Educação Física.

Outro estudo cognominado **Mulher E Natureza: Motivos De Aderência Aos Esportes De Aventura**, elaborado por Silva, Schwartz e Carmo (2016), objetivaram em seu estudo encontrar os motivos pelos quais, as mulheres estão inserindo o Esporte de Aventura em suas vidas e por que isso vem acontecendo de forma crescente.

Considerando os fatos analisados Silva, Schwartz e Carmo (2016) relatam que a mulher ao criar sua autonomia, desenvolver suas habilidades e descobrir seu potencial, desfaz os estereótipos criados e aumenta sua autoestima.

Para os autores supracitados, com esse crescente aumento, a prática da mulher deve ser destacada, a fim de influenciar todo esse público a buscar pelo Esporte de Aventura, com o intuito de que elas encontrem no esporte uma vida saudável e de superação.

O estudo que se intitulou **A Produção Acadêmica Sobre Psicologia Do Esporte E Esportes De Aventura** de Fernandes et al. (2016), buscou averiguar a produção acadêmica das análises que relacionassem as Atividades de Aventura com a Psicologia do Esporte, pelo meio de pesquisa bibliográfica dos Anais CBAA da edição de 2006 a 2014.

Na Psicologia, o Esporte encontrou um apoio para melhorar o desempenho dos atletas, vistos que os estados psíquicos afetam o rendimento físico.

Resultados mostraram que não existem muitos trabalhos que apresentavam os termos. São poucas as produções que estabelecem uma relação entre o Esporte

de Aventura com a Psicologia do Esporte, mesmo sendo modalidades estabilizadas no ramo esportivo (FERNANDES; NODA; PIMENTAL, 2016).

No estudo de Fernandes, Noda e Pimental (2016), os autores estabelecem como fenômeno de estudo o Esporte de Aventura (PEREIRA; ARMBRUST, 2010). Mas no corpo do texto citam a terminologia **Atividades de Aventura** Pimentel (2013) estabelecendo foco no estudo apresentado.

No trabalho realizado por Vieira e Baggio (2012) intitulado **A Complexidade Biopsicossocial Dos Esportes De Aventura** os autores buscaram trazer em seu estudo contribuições de esclarecimento, das questões que envolvam a complexidade de biopsicossocial dos Esportes de Aventura.

Contudo Vieira e Baggio (2012) observaram que assim como em outros esportes como o automobilismo e o hipismo, o Esporte de Aventura oferece “riscos” que se transformam em adrenalina e se tornam a causa pela qual a maioria das pessoas buscam por sua prática.

Uma sugestão apresentada pelos autores é de popularizar normas e procedimentos de segurança da ABNT, a fim de diminuir a possibilidade da ocorrência de algum fato danoso (acidente).

Apresentando a pesquisa realizada por Pacheco et al. (2014) **Mountain Bike – Investigando As Motivações Para Aderência E A Idade Como Possível Fator Limitador Para A Prática**, com o propósito de apurar os motivos pelos quais vem crescendo a demanda de adeptos ao Mountain Bike e identificando também, a possibilidade de a idade ser causa limitadora para as práticas de aventura.

Sendo assim Pacheco et al. (2014), observaram em seu estudo que as respostas são variadas a respeito da motivação que os levam ao Mountain Bike, mas que o contato com a natureza, a socialização e a busca por se exercitar de maneira prazerosa são as mais comuns entre todos, portanto os praticantes acreditam que a idade não é um fator limitador, porém defendem a ideia de que o respeito ao seu corpo deve ser maior do que sua vontade de praticar.

No próximo trabalho apresentado os autores Lima et al. (2012), objetivaram como alvo adquirir informações da intervenção motivacional sob o rendimento dos atletas.

Através da pesquisa **O Auxílio Da Motivação Nas Competições De Mountain Bike**, os autores analisaram alguns relatos de experiências, artigos científicos e teses de mestrados que estabeleciam relação direta com a temática de estudo.

Segundo Lima et al. (2012), o Esporte de Aventura garante inúmeras emoções e ao praticar mais especificamente o Mountain Bike, se tem a possibilidade de vivenciar várias delas.

Os autores supracitados relatam que seu estudo ainda está em desenvolvimento, mas já é possível afirmar com base nos referenciais teóricos, a relevância do agente motivacional sob a condição física do praticante, em especial do atleta.

Como forma de intervir no melhor desempenho desse indivíduo, Lima et al. (2012), propõem o auxílio de músicas, vídeos e a proximidade com os familiares e amigos.

Caminhando para o fim da apresentação dessa terminologia, apresentamos a seguir o trabalho de Felício, Miranda e Brandão (2012), intitulado **Influência Do Rapel Na Resposta Aguda Cardiovascular**.

Através de uma sessão de testes, utilizando a prática de Rapel, o investigador visou analisar a modulação vagal e a frequência cardíaca (FC) durante a execução desse Esporte de Aventura.

A experiência consistiu na descida de rapel por uma parede, sob o monitoramento constante da frequência cardíaca (FC). Para este estudo, o SPSS foi utilizado para explorar as estatísticas.

Segundo Felício, Miranda e Brandão (2012) o rapel é um Esporte de Aventura que vem sendo bastante difundido e procurado por pessoas que querem entrar em contato com a natureza e melhorar sua “qualidade de vida”, portanto pode-se afirmar que a (FC) aumenta durante a descida e continua elevada quando se iguala ao valor basal, mesmo terminando a sessão. Em questão da modulação vagal, ela diminui durante a descida e após encerrar os testes.

Os autores verificaram que o Rapel como Esporte de Aventura, definiu ajustes no aumento da (FC), alterando o sistema cardiovascular.

Após analisar o trabalho acima, podemos perceber que os autores classificam a prática de Rapel como sendo um Esporte de Aventura, mas de acordo com o nosso estudo, acreditamos estar mais próximos da terminologia **Atividades de Aventura** apresentada por Pimentel (2013).

E por fim, destacamos o estudo de Ribeiro, Barbosa e Machado (2012), intitulado **Estudo Comparativo De Ambientes In E Outdoor No Esporte De Aventura**. O presente estudo buscou analisar a prática do Esporte de Aventura em ambientes indoor e outdoor.

Com base nos resultados apreendidos pelos autores, eles concluíram que há um número significativo de atletas que preferem o Esporte de Aventura indoor por ter acesso mais fácil ao local, porém a maioria sente-se motivado em qualquer ambiente, seja ele indoor ou outdoor.

Finalizando a apresentação da terminologia Esportes de Aventura com o estudo de Catib et al. (2012), denominado **Emoções De Jeepeiros Praticantes De Esporte De Aventura Em Evento Off Road Em Avaré**, o presente estudo buscou investigar as emoções vivenciadas pelos Jeepeiros que participam do evento esportivo de aventura off road na cidade.

Em suas considerações Catib et.al. (2012), enfatizam que as Atividades de Aventura automobilísticas off Road, podem resultar nas mais diferentes emoções, levando os praticantes a vivenciarem sentimentos significativos além do contato com a natureza, tornando relevante que outras reflexões sejam incentivadas acerca dessa temática para o enriquecimento da área em questão.

Finalizando a análise, podemos perceber que Catib et.al. (2012), como outros autores já evidenciados em nosso estudo, se utiliza de terminologias distintas para estabelecer diálogo com o fenômeno estudado que em seu título deixa estabelecido o Esporte de Aventura, mas no decorrer do estudo acaba fazendo referência as Atividades de Aventura.

5 Conclusão

Após analisarmos os estudos destacados através de nosso escopo metodológico, percebemos que existe um grande aumento de indivíduos que buscam por tais práticas corporais.

Diante dos 60 (sessenta) estudos analisados na íntegra, destacamos 7 (sete) que retrataram o conceito de Turismo de Aventura, com o termo Atividades de Aventura na Natureza foram analisados 6 (seis) trabalhos, somente 1 (um) com a terminologia Atividade Física na Natureza, fazendo referência à terminologia Atividades de Aventura 21 (vinte e um) trabalhos; já fazendo referência aos Esportes Radicais foram 4 (quatro) analisados e por fim 21 (vinte e um) estudos fazendo referência a tais práticas como Esporte de Aventura.

Percebemos algumas incoerências de alguns estudos quanto a utilização de mais de uma terminologia para se fazer referência ao mesmo fenômeno estudado.

Em alguns estudos traz como foco o Turismo de Aventura, mas no decorrer do texto retrata tal prática corporal como Atividade de Aventura. Outro exemplo é um trabalho que aborda o termo Atividade de Aventura na Natureza, e o autor em seu estudo se utiliza da terminologia Turismo de Aventura, apresentando uma dualidade terminológica. Outra incoerência encontrada foi no trabalho do Rabelo que atribui as práticas corporais como Atividade de Aventura e Turismo de Aventura dizendo ser o mesmo fenômeno. Indo mais além, outro trabalho emprega 02 (duas) terminologias diferentes para se referir ao mesmo fato: Atividade de Aventura, Turismo de Aventura.

Com o término das análises, apesar de nos apropriarmos da terminologia Esporte de Aventura, concordamos que algumas atividades fogem de elementos que caracterizam a prática esportiva, como o rapel, a tirolesa, o Arvorismo, dentre outras. Apesar do termo Esporte de Aventura abranger todas as práticas significativas, exclui atividades não esportivas e aquelas que ocorrem em áreas urbanas.

Sugerimos então, Atividades e Esporte de Aventura como terminologia, pois o termo consegue suprir o maior número de práticas corporais. Cabe elucidar que essas práticas ao estabelecerem uma relação entre oferta e demandas transformam-se em produto, contemplando assim a ideia de que o termo mais adequado seria Turismo de Aventura.

Sendo assim esperamos ter contribuído para ampliações dos estudos referentes às práticas corporais de aventura.

REFERÊNCIAS

AGAPTO, R.E.S.; SILVA, C.G.R.; SOBRINHO, M.F.L.; Esportes de Aventura como Lazer na Região do Cariri Cearense. **IN: IX CBAA – Congresso Brasileiro E Atividade De Aventura/ III Congresso Internacional De Atividade De Aventura. “Uma aventura olímpica”, 2016.** Anais Impressos. Lavras, MG: Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Leão Sampaio, 2016.

AUGUSTI, M.R.A.; AGUIAR, C.M.; MANFIOLETE, D.L. Caminhar Na Mata, Conhecer A Natureza E Tecnologia: Algumas Considerações E Reflexões VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA – **Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”** (p. 134-140) Rio Claro/Sp – Brasil 6 a 8 de julho de 2012.

ÁVILA, G.O.L.; RUDZEWICZ, L.; CARVALHO, R.G.A.; GARCIA, J.S.; Análisedo Turismo de Aventura em Águas na Praia do Laranjal, através dos Sites de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil **IN: VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura, 2012.** Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil. p.189-194). 2012.

BARBOSA, R.P.G.; MEDEIROS, L.Q.M.; MORAES, M.F.; SILVA, S.I. Visão Da População Acerca Dos Benefícios Trazidos Aos Praticantes De Atividades De Aventura. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.70, 2012.

BETRÁN, J. O. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza.** In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003. p.157- 202.

BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN, Alberto Oliveira. Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio. **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza. São Paulo: Manole, p. 180-210, 2006.**

BRASIL. MINISTERIO DO TURISMO. Plano Nacional de Turismo 2007-2010, Uma Viagem de Inclusão Brasília, Ministério do Turismo. Available at www.turismo.gov.br, 2007.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (Org.). **Turismo, lazer e natureza.** São Paulo: Manole, 2003.

CAMPAGNA, J.; SCHWARTZ, G.M. Tecnologias e Difusão das Experiências Significativas, no Contexto das Atividades de Aventura. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De**

Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p.01,2012.

CARDOSO,A.M.N.;SILVA,M.G.;MENEZES,L.P.;SANTANA,D.C.S.;SANTOS, M.C.S. Fatores Motivacionais para a Prática de Slackline na Cidade de Divinópolis/MG. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “UMA AVENTURA OLÍMPICA”, 2016.** Anais Impressos. Lavras, MG: Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade do Estado de Minas Gerais(UEMG) - Unidade Divinópolis, p.33, 2016.

CARMO, E.G.; GUARIZO, M.A.; TRESVISAN, P.R.T.C.; RIBEIRO, I.C.; AURIEMO, R. F.; SCHARTS, G.M. Esportes de Aventura e Estados Emocionais. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”, 2016.** Anais Impressos. Lavras, MG: Depto. de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”(UNESP), Campus Rio Claro-SP, p.28, 2016.

CARMO, E.G.; GUARIZO, M.A.; TRESVISAN, P.R.T.C.; RIBEIRO, I.C.; AURIEMO, R. F.; SCHARTS, G.M. Esportes de Aventura e Estados Emocionais. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”, 2016.** Anais Impressos. Lavras, MG: Depto. de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”(UNESP), Campus Rio Claro-SP, p.28, 2016.

CARMO, E.G.; TEODORO, A.P.E.G.; DIAS, V.K.; RODRIGUES, N.H.; SCHWARTZ, G.M. Esportes de Aventura Praticados por Idosos Brasileiros: Análise de Reportagens da Internet. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”, 2016.** Anais Impressos. Lavras, MG: Depto. de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”(UNESP),Campus Rio Claro-SP, p.30,2016.

CAROLINO, V.; SILVA, S.I.; Turismo de Aventura na Cidade de Itacaré – BA: Profissionais e Suas Formações. **IN: VIII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / II CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 2014.** Anais Impressos. Vila Velha/ ES – Brasil: Universidade Vila Velha. 2014.

CATIB, N.O.M.; SCHWARTZ, G.M.; CORRÊA, F.C.R.; CASTRO, V.H.A.P.; LEME, P.G.A.; SOUZA, M.C. Emoções De Jeepeiros Praticantes De Esporte De Aventura Em Evento Off Road Em Avaré. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA –Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”,2012,** Rio Claro/SP, Brasil, p.16-17, 2012.

CECARELLI, L.R.; ISLER, G.L.; CECARELLI, M.R.; MACHADO, A.A. BenefíciosDo Trekking: Olhares Da Psicossociologia Do Esporte. In: **VII CBAA –Congresso**

Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA –Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p.50-51, 2012a.

CECARELLI, L.R.; LIMA, E.M.R.; BAGNI, G.; MORÃO, K.G.; VERZANI, R.H.; MACHADO, A.A. Atividades De Aventura, Qual A Preferida?. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.49, 2012b.

CHAO, C.H.N.; BEZERRA, M.F.S.; SILVA, I.M.R.V.; COQUEREL, P.R.; SILVA, P.P.C.; ELSANGEDY, H.M. Importância de Vivenciar Prática de Escalada para Estudantes do Curso de Educação Física da UFRN. IN: **IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”**. Anais Impressos. Lavras, MG: Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016, p.36, 2016.

COSTA, VL de M. Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário. **São Paulo: Manoele**, 2000.

CUSTÓDIO, V.; LUZ, J. Atividades De Aventura Associadas A Percepção De Qualidade De Vida Na Terceira Idade. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.114-120, 2012.

DE ALMEIDA, Adriana Mesquita; GÁSPARI, Arthur Fernandes. Esportes Radicais, de Aventura e de Ação: O Conteúdo do Ensino Formal e Não Formal e os Desafios de Formação e Prática do Profissional de Educação Física. **CONEXÕES: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 12, n. 3, jul/set, p. 159-168,2014.

DE ASSIS PIMENTEL, Giuliano Gomes. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, n. 3, 2013.

DE MENEZES COSTA, Vera Lúcia. **Esportes de Aventura E Risco Na Montanha**. Editora Manole Ltda, 2000.

DIAS, C. A. G.; MELO, V.; ALVES JÚNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, p. 65-95, 2007.

DUARTE, E.F.; AMARAL, K.C.; SILVA, M.G.; ROSA, A.M.; NOQUEIRA, J.J.; CARDOSO, A M.N. Esportes de Aventura na Cidade de Divinópolis/MG: Uma perspectiva dos discentes da UEMG Unidade Divinópolis. IN: **IX CBAA–**

CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “UMA AVENTURA OLÍMPICA”, 2016. Anais Impressos. Lavras, MG: Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis, 2016, p.29, 2016.

EUFLAUSINO, J.M.; JUNIOR, A.B.; CELESTINO, C.A.; SANTOS, S. Parkour: Do Método Natural À Técnica De Si. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.73, 2012.

FELICIO, P.F.V.; MIRANDA, J.M.Q.; BRANDÃO, R. Influência do Rapel na Resposta Aguda Cardiovascular. **IN: VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA.** Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) – Laboratório de Pesquisa em Fisiologia e Metabolismo Aplicados à Atividade Física ²Universidade Nove de Julho (UNINOVE) – Grupo de Estudos em Biodinâmica do Exercício e da Saúde Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, p.56,2012.

FERNANDES, A.V.; NODA, L.M.; PIMENTEL, G.G.A. A Produção Acadêmica Sobre Psicologia do Esporte e Esportes de Aventura. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”, 2016.** Anais Impressos. Lavras, MG: Universidade Estadual de Maringá – Maringá/PR, p.46, 2016.

FIGUEIREDO, J.P.; NASCIMENTO, A.M.; FILHO, R.A.Z.; IANNONI, R.S.P.; PALHARES, M.F.S.; MARIA, G. Bem Receber Copa Ecoturismo E Aventura: Investindo Na Qualificação Profissional Dos Condutores In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil (p. 11-12). 2012.

FILETTO, F.; IGINO, O.P.; Escalada Lúdica de Árvores: Aspectos Técnicos e Percepções de uso.**IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “UMA AVENTURA OLÍMPICA”, 2016.** Anais Eletônicos. Lavras, MG: Faculdade de Agronomia e Zootecnia, Faculdade de Engenharia Florestal – UFMT. (p.27) . 2016.

FILHO, R.A.Z.; CARNEIRO, K.T.; TEODORO, A.P.E.G.; SCHWARTZ, G.M. Estado Emocional Tensão E As Ativades De Aventura. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p. 170-175, 2012.

GOBETI,A.E.;NODA,L.M.;DEMITTO,G.A.;LUVIZETTO,N.A.;AMARO,G.F.N.A. Patinação Artística Pode Ser Estudada A Partir De Uma Perspectiva Conceitual De

Atividade De Aventura? In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.39, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Editora Record, 2009.

GOMES, C.L.; OLIVEIRA, A.C.G.; BAHIA, M.C.; BICICROSS, PATINAÇÃO RADICAL E SKATE: ANÁLISE DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER ACERCA DE ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS EM BELÉM DO PARÁ. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “UMA AVENTURA OLÍMPICA”**, 2016. Anais Impressos. Lavras, MG: Departamento de Artes Corporais da Universidade do Estado do Pará; Secretaria Municipal de Educação de Limoeiro do Ajuru – PA /UEPA; Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, p.52,2016.

IANNONI, R.S.P.; TAVARES, G.H.; NOVAIS, I.T.; TEODORO, A.P.E.G.; SANTIAGO, D.R.P.; SCHWARTZ, G.M. Atividade De Aventura Na Terceira Idade: Uma Análise Dos Anais Do Cbaa In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA –Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”**, Rio Claro/SP– Brasil, p.09, 2012.

LIMA, E.M.R.; CECARELLI, L.R.; BAGNI, G.; MORÃO, K.G.; VERZANI, R.H.; MACHADO, A.A. O Auxílio da Motivação nas Competições de Mountain Bike. **IN:VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP Rio Claro Rio Claro, SP, Brasil, p.36, 2012.

MACHADO,S.V.T.;PUNDRICH,G.F.;CHAGAS,C.S.;RODRIGUES,M.C.;NETO, A.M.M.; RESENDE, N.M. Uma Visão Real Da Prática De Esportes Radicais E De Aventura Nos Municípios De Barra Do Garças-MT, Pontal Do Araguaia-MT E Aragarças-GO. **IN: VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Leão Sampaio, (p.101), 2012.

MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa. (orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

MAZARON, A.E.S.; SILVA, T.I.Y. Atividades De Aventura: Uma Forma De Lazer No Acampamento Toca Do Lobo. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades**

De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p.38, 2012.

MORAES, J.C. Representações Sociais Sobre Atividades De Aventura Na Cidade De Arapongas. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p.30, 2012.**

MORENO, D.U.; FIGUEIREDO, L.A.V. A Produção Científica Do Congresso Brasileiro De atividades De Aventura (2006-2011) Sob A Perspectiva Da Educação Ambiental. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p. 258-263, 2012.**

NASCIMENTO, A.M.; DIAS, V.K.; FIGUEIREDO, J.P.; KAWAGUTI, C.N.; TREVISAN, P.R.T.C.; SCHWARTZ, G.M. Atividade De Aventura E As Tecnologias: Análise Das Publicações Das Revistas Motriz E Movimento. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA –Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil. p.27, 2012.**

NODA, L.M.; PIMENTEL, G.G.A. Representações Sociais De Praticantes De Skate Em São Paulo, Paraná E Rio Grande Do Sul. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p .226-231, 2012.**

NOVAES, K.O.; SANTOS, D.M.; MESQUITA, I.S.; SILVA, I.A.; LESSI, D.G.; SILVA, T.D. Inclusão De Pessoas Com Deficiências Na Prática De Esportes De Aventura. In: **VIII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / II CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”, Vila Velha/ES, Brasil. (p.53).2014.**

NOVAIS, I.T.; KAWAGUTI, C.N.; FIGUEIREDO, J.P.; CHRISTOFOLETTI, D.F.A.; PEREIRA, L.M.; SCHWARTZ, G.M. Jogos Eletrônicos De Atividades De Aventura. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”, Rio Claro/SP, Brasil, p.19,2012.**

OLIVEIRA, L.A.P.; GUARIZO, M.A.; SCHAWARTZ, G.M.; Fatores de Risco Inerentes à Prática de Arvorismo. **IN: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “UMA AVENTURA OLÍMPICA”, 2016.** Anais Eletrônicos. Lavras, MG: Depto. De Educação Física da Universidade Estadual Paulista = Rio Claro-SP. (p.32).2016.

OLIVEIRA, S.G.; TEODORO, A.P.E.G.; SCHWARTZ, G.M. Atividades De Aventura Na Natureza E Investimentos Com Equipamentos De Segurança. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil. (p.46). 2012.

PACHECO, J.P.S., CHAO, C.H. N., TREVISAN, P.R.T.C.; JACOBASSI, L.; SCHWARTZ, G.M. Significados E Percepção Subjetiva Sobre Saúde E Qualidade De Vida Na Concepção De Praticantes De Mountain Bike. In: **VIII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / II CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”**, Vila Velha/ES, Brasil, p.30, 2014.

PACHECO, J.P.S.; TEODORO, A.P.E.G.; RODRIGUES, N.H.; TREVISAN, P.R.T.C.; SCHWARTZ, G.M. Gestão Da Informação Sobre Espaços Públicos De Atividade De Aventura Na Natureza. In: **IX Congresso Brasileiro De Atividade De Aventura, III Congresso Internacional De Aventura “Uma Aventura Olimpica”** Lavras, MG, Brasil, p.34. 2016.

PACHECO, J.P.S.; TOMAZINI, M.V.; SILVA, T.A.C.; DIAS, V.K.; SCHWARTZ, G.M. Mountain Bike – Investigando as Motivações para Aderência e a Idade como Possível Fator Limitador para a Prática. **IN: VIII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / II CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Vila Velha/ES – Brasil: LEL - Laboratório de Estudos do Lazer – DEF/IB/UNESP/Rio Claro, p.29, 2014.

PASSARELLI, K.S.; NODA, L.M. A Escalada Para Deficientes Visuais: Reflexões E Propostas Para A Realidade Maringaense. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.65, 2012.

PEREIRA, Dimitri Wu; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da Aventura-Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. 1 ed. Jundiaí-SP: Editora Fontoura, 2010.

PEREIRA, F.C.; TAVARES, G.H.; FIGUEIREDO, J.P.; PEREIRA, L.M.; SCHWARTZ, J.P. Atividade Física De Aventura Na Natureza E Estados Emocionais: Diferenças Entre Gêneros No Boia-Cross. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil. (p.52). 2012.

PEREIRA, P.A.S.; TORRES, J.L.B.; GOMES, A.J.S. O uso e Conservaçãonos EsportesdeAventura:UmOlharSobaPerspectivadosEscaladores.IN:**VIIICBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais

Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/IFCE, 2012. (p.66).

PEREIRA, P.B.; GUIMARÃES, L.S.; SANTOS, A.J.C.; GOMES, Y.S.P.; SILVA, T.D. Atividades De Aventura Na Natureza No Município De Jequié/Ba:Possibilidades E Limitações. In: **VIII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / II CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”**, Vila Velha/ES, Brasil. (p.55). 2014

PIMENTEL, G, G. A.; SAITO, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p.152-161, jan./mar. 2010

RABELO, C.R.A. Pessoas Com Deficiência E Atividades De Aventura: Estudo Exploratório Das Empresas De Ecoturismo E Turismo De Aventura No Nordeste Do Brasil. In: **IX Congresso Brasileiro De Atividade De Aventura, III Congresso Internacional De Aventura “Uma Aventura Olimpica”**, Lavras, MG, Brasil, p. 73, 2016.

RAMALHO, R.T.; LUCCA, I.L.; PEREIRA, L.M.; Indivíduos Fisicamente Ativos Desejam Praticar Esportes De Aventura Mas Desconhecem Seus Benefícios Para Saúde. **IN:VIII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / II CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Vila Velha/ ES – Brasil Anais Impressos, p.61, 2014.

REIGOTA, Marcos. Educação ambiental: a emergência de um campo científico. **Perspectiva**, v. 30, n. 2, p. 499-520,2012.

RIBEIRO, L.B.; BARBOSA, C.G.; MACHADO, A.A. Motivação: Estudo Comparativo de Ambientes In e Outdoor no Esporte de Aventura. **IN: VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Universidade Federal de Lavras - Lavras/MG – Brasil, Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia/MG – Brasil, Unesp - LEPESPE - Rio Claro/SP- Brasil, p.24, 2012.

SANTOS V.S.F.; PAULA, R.O.; SILVA, A.B.; GALINDO, C.; PEREIRA, D.W. Praticando Esportes Radicais no Meio Urbano **In: IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”, 2016**. Anais Eletrônicos. Lavras, MG: Universidade Nove de Julho. (p.74). 2016.

SANTOS, J.P.; NUNES, R.E.P.; SANTOS, J.R.; MENDES, M.T.; ALVES, M.A.F.; NUNES, H.F.P. Escalada Noturna na Serra do Mel: Esportes e Atividades de

Aventura em Montes Claros – MG. IN: **VIII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / II CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Vila Velha/ ES – Brasil: Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, São Paulo, Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, Faculdades Unidas do Norte de Minas – FUNORTE, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil, p.168, 2014.

SANTOS, P.M.; BATAGLION, G.A.; FIGUEREIDO, J.P.; MANFROI, M.N.; MARINHO, A. Percepção De Competências De Estudantes De Educação Física A Partir Da Vivência De Atividades De Aventura. In: **VIII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / II CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”**, Vila Velha/ES, Brasil, p.103-110, 2014.

SANTOS, P.M.; BATAGLION, G.A.; FIGUEREIDO, J.P.; MANFROI, M.N.; MARINHO, A. Percepção De Competências De Estudantes De Educação Física A Partir Da Vivência De Atividades De Aventura. In: **VIII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / II CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”**, Vila Velha/ES, Brasil, p.103-110, 2014.

SANTOS, S.T.; VIEIRA, J.P.R.; SANTOS, B.S.; PEREIRA, L.M.; Diagnósticos escaladores de Diamantina/MG. In: **IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”**, 2016. Anais Eletrônicos. Lavras, MG: Depto. De Educação Física - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, (p.26). 2016.

SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí: Fontoura, 2006.

SEVERIAN, B. A.; RICHARD, V.L.; Escalada em Rocha e seu Impacto no Ambiente Natural: Abertura de Vias de Escalada. IN: **VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 2012**. Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Apoio financeiro: projeto 23112.000956/1999-62 – Esporte para a cidadania PROEXUFSCar. (p.22). 2012.

SILVA, M.D.C.; ALVES, K.S. Inclusão Social no Turismo Acessível de Aventura na Cidade de Socorro-SP. IN: **VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**, Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto-MG, Brasil. (p.239).2012.

SILVA, R.L.; SCHWARTZ, G.M.; CARMO, E.G.; Mulher e Natureza: Motivos de Aderência aos Esportes de Aventura IN: **IX CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO E ATIVIDADE DE AVENTURA/ III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE**

DE AVENTURA. “Uma aventura olímpica”, 2016. Anais Impressos. Lavras, MG: Laboratório de Estudos do Lazer/DEF/IB/UNESP – Campus Rio Claro/SP, p.41, 2016.

SILVA, R.P.; DOURADO, J.V.; SANTOS, M.S.; JUNIOR, T.S.D.; SILVA, T.D. Uma Investigação Sobre A Prática Do Rapel No Município De Jequié-Ba: Possibilidades E Limitações. In: **VIII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura / II CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”**, 2014, Vila Velha/ES, Brasil. (p. 28). 2014.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. **Textos em representações sociais**, v. 8, p. 117-145, 1995.

TEIXEIRA, J.C.; FREITAS, G.S. “O Surfe De Asfalto” Nas Ondas Da Produção Acadêmica: Uma Revisão De Literatura In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura / I CIAA – Congresso Internacional de Atividades de Aventura. “TECNOLOGIAS E ATIVIDADES DE AVENTURA”**. Anais Eletrônicos. Rio Claro, SP: Universidade Federal do Rio Grande. (p.87), 2012.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2009.

TUBINO, Manoel. Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.

UVINHA, Ricardo. Tendências para o turismo no cenário nacional. In: **Turismo de Aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005, p. 269- 300.

VAROTO, F.A.; SILVA, C.L. Movimento Escoteiro: Contribuições Ao Debate Acerca Das Atividades De Aventura. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, Rio Claro/SP, Brasil, p.60, 2012.

VIEIRA, P.S.; BAGGIO, A. A Complexidade Biopsicossocial dos Esportes de Aventura. **IN: VII CBAA – CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA / I CIAA – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. Anais Impressos. Rio Claro/SP – Brasil: Universidade de PassoFundo – RS, p.165-166, 2012.

VISCARDI, A.A.F.; FIGUEIREDO, J.P.; MARINHO, A. Lazer E Idoso: Relações Sociais E A Pratica De Atividade De Aventura Na Natureza. In: **IX Congresso Brasileiro De Atividade De Aventura, III Congresso Internacional De Aventura “Uma Aventura Olimpica.”**, 2016, Lavras, MG, Brasil. (p.63)

VITALINO, A.A.V.; JÚNIOR, G.F.C.; SANTOS, I.C.; SANTOS, L.; SILVA, T.D. Investigação Sobre A Prática Do Trekking Em Um Município Do Sudoeste Baiano. In: **VIIICBAA–Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/II CIAA–**

Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Dimensões, Avanços E Legados”, Vila Velha/Es, Brasil, p.33, 2014.

ZAMBONATO, F.; COLDEBELLA, A.O.C.; COSTA, J.L.D. Natal Da Uri: Cultura, Aventura E Magia. In: **VII CBAA – Congresso Brasileiro De Atividades De Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional De Atividades De Aventura: “Tecnologias E Atividades De Aventura”**, 2012, Rio Claro/SP, Brasil, p. 32, 2012.